

**O SR. PRESIDENTE:**

Continuá a hora do Expediente. Tem a palavra o nobre Senador Lobão da Silveira, primeiro orador inscrito.

**O SR. LOBÃO DA SILVEIRA:**

(Não foi revisado pelo orador) —

Sr. Presidente e Srs. Senadores, na qualidade de representante da Amazônia e como brasileiro, não posso silenciar ante a realização de uma cerimônia de grande significação, no dia quatro de julho, na localidade de Vilhena, no Território de Rondônia. Retiro-me ao término do desmatamento da rodovia Brasília-Acre, uma das grandes vias de penetração para o prosseguimento da marcha, rumo ao Oeste, em que está empenhado o Senhor Presidente da República.

Percorrendo, há anos, em missão relevante, aquelas regiões abandonadas, distantes e longínquas, das quais muito pouco se lembraram os governos passados.

Eulides da Cunha chegou a afirmar que a Amazônia, um dia, haveria de separar-se do Brasil. Esta profecia do grande escritor patricio, para satisfação e ufania de nós brasileiros, jamais se realizará, porque o Brasil, nesta hora, caminha para o Oeste.

A rodovia Brasília-Acre tem significação especial não só para o nosso País como, para o Continente americano, porque ligará o Atlântico ao Pacífico. Já está sendo denominada "a estrada da borracha", pelas populações locais, dada a circunstância de facilitar o transporte nas regiões onde existem grandes seringais nativos.

Desde que o Sr. Presidente da República está empenhado, como todos nós, em aumentar a produção da borracha, justo é que se dê ao Banco de Crédito da Amazônia, estabelecimento criado com o objetivo de impulsionar a cultura dos seringueiros, os recursos indispensáveis àquele órgão encarregado do comércio da borracha.

O "Correio Brasiliense", do dia 5 de julho, publicou editorial que passarei a ler a fim de que conste dos Aíreis desta Casa, e, também, para com ele transmitir ao Sr. Presidente da República novamente apelo no sentido de fazer voltar ao Banco de Crédito da Amazônia o monopólio estatal da borracha, tão necessário como meio de obtenção dos recursos para promover o fomento dessa riqueza que não é só do rio amazônico, mas uma riqueza nacional.

Dr. o editorial do "Correio Brasiliense":

**"A META DA BORRACHA"**

Parce-nos indiscutível a extraordinária realidade que é a execução das metas estabelecidas pelo Conselho Federal no início do período do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, algumas das até mesmo superadas. Uma houve, porém, que não correspondeu aos propósitos do Senhor Presidente da República: a meta da borracha. Um lamentável equívoco na orientação da política gomífera nacional prejudicou drasticamente o desenvolvimento daquele importante setor da nossa economia.

A liberação das importações de borracha estrangeira estabelecida em 1958 pelo Governo, quebrando o monopólio estatal do comércio da gomma, levou ao desarmar o próprio poder público em sua luta em prol de uma maior produção nacional, uma vez que tirou do órgão responsável pelo fomento dos produtores os recursos indispensáveis ao cumprimento integral de sua importantíssima missão.

Embora proveniente por vários portais públicos e privados do país, procurou a administração federal reduzir o grave "déficit" de matérias-primas de que sofria a indústria de artigos de plástico, em razão fundamentalmente da crise cambial que impediu as importações necessárias,

transferindo para as próprias empresas o direito de comprar no exterior a borracha para o seu consumo, eliminando dessa forma a prerrogativa legal que dava ao estabelecimento oficial encarregado até então de toda a importação sua maior fonte de receita, com a qual podia fazer face às pesadíssimas inversões exigidas pela economia amazônica.

Os atuais candidatos à Presidência da República, quer o situacionista, Sr. Marechal Lott, quer o oposicionista, Sr. Jânio Quadros, prometem ao eleitorado amazônico corrigir aquele erro, restabelecendo o monopólio estatal do comércio da borracha.

Ora, visível como está hoje o equívoco da medida, que, prejudicando a economia amazônica, não resolveu o fundamental, que seria o desenvolvimento da produção nacional para a gradual eliminação do dispêndio de divisas com o produto estrangeiro. cremos que não deveria o atual Governo esperar que o seu sucessor o viesse corrigir. Fecharia o Presidente Juscelino com chave de ouro o seu quinquênio restabelecendo ele mesmo aquele controle estatal, que, ao lado das rodovias a Belém e ao Acre, seria o seu impulso decisivo para a dinamização da economia amazônica.

Estou lendo, Sr. Presidente, editorial do "Correio Brasiliense", em que se faz um apelo ao Sr. Presidente da República, quando S. Ex.<sup>a</sup> acaba de concorrer para a realização dessa magnífica e esplêndida iniciativa, que é a Brasília-Acre, para voltar a considerar o problema da importação estatal da borracha pelo Banco do Crédito da Amazônia, que tanto necessita de recursos para fomentar o cultivo da seringueira.

Ainda com a palavra, Sr. Presidente, passo a tratar de outro assunto.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, está completando o seu segundo aniversário em sua atual gestão no Ministério da Saúde o Professor Mário Pinotti, uma das figuras de maior projeção no cenário científico, político e social do país.

Sua Excelência recebeu há pouco tempo uma expressiva homenagem da minha terra, quando foi eleito Suplente de Senador com uma votação consagratória por todos os partidos.

É que o povo paraense reconhece desde longa data, desde os tempos do antigo Serviço Nacional de Malária, os trabalhos de benemerência executados pelo Ministro Mário Pinotti em prol da recuperação pela saúde, do desastoso homem da Amazônia.

O Sr. Jorge Maynard — Dá V. Ex.<sup>a</sup> licença para um aparte?

O SR. LOBÃO DA SILVEIRA — Pois não!

O Sr. Jorge Maynard — Em nome do Partido Social Progressista, que represento nesta Casa, quero me solidarizar com as palavras de V. Ex.<sup>a</sup>, na homenagem que está prestando ao Ministro Mário Pinotti.

O SR. LOBÃO DA SILVEIRA — Agradeço o apoio que V. Ex.<sup>a</sup> acaba de trazer ao meu discurso, honrando-me com seu aparte nesta homenagem que se presta ao Ministro Mário Pinotti.

Os trabalhos executados pelo sanitarista Mário Pinotti contra o paludismo, a filariose, a houbia e outras endemias, no meu Estado, concorrem, realmente, para minorar a situação aflitiva das camadas mais necessitadas das nossas populações.

Os quadros dolorosos, dos mutilados pela houbia — terrível doença que ataca a pele e os ossos, levando os pobres doentes a perder dedos e membros, — estão desaparecendo do meu Estado. Em municípios como Guamá, Vitoria, Breves e outros, antigamente grandes focos de houbia, hoje já quase não se encontra a doença. Milhares de doentes foram tratados de casa em casa, num esforço e dedicação característicos das equipes que trabalham sob a orientação do eminente brasileiro Mário Pinotti.

O Sr. Joaquim Parente — Permite V. Ex.<sup>a</sup> um aparte?

O SR. LOBÃO DA SILVEIRA — Pois não!

O Sr. Joaquim Parente — Desejo associar-me, em meu nome e na qualidade de representante do Piauí, às homenagens que V. Ex.<sup>a</sup> está prestando ao Ministro Mário Pinotti, pelo transcurso do segundo aniversário da sua gestão à frente da Pasta da Saúde. O Ministro Mário Pinotti tem, realmente, prestado grandes serviços ao meu Estado, não só na pasta da Saúde mas também como Presidente da Legião Brasileira de Assistência. Nós, do Piauí, temos sido atendidos em todas as reivindicações que lhe temos feito, de modo que é com muita satisfação que me associo às justas homenagens que V. Ex.<sup>a</sup> está prestando ao Ministro Mário Pinotti.

O SR. LOBÃO DA SILVEIRA — Muito grato à solidariedade que V. Ex.<sup>a</sup> acaba de emprestar ao meu discurso, em nome do Piauí.

Durante até bem pouco tempo, à exceção da Capital e de algumas cidades maiores, não eram encontradas ambulâncias para socorros urgentes no meu Estado. Graças à Campanha iniciada pelo Ministro Mário Pinotti, — que é também Presidente da Legião Brasileira de Assistência — já várias cidades dispõem desse precioso auxílio dos serviços médico-assistenciais.

Quantas vezes, perdem-se vidas preciosas por falta de recursos. Acidentados e parturientes necessitando de assistência médica especializada, ficam-se nos seus longínquos distritos, à falta de um transporte rápido e adequado que os levem às cidades que dispõem de recursos médico-hospitais.

Conhecedor desses problemas por que conhece praticamente todo o interior do país, o Ministro Mário Pinotti lançou o "Slogan" "Uma ambulância para cada município" por ocasião do Congresso de Municípios em 1959, em Recife, e já conseguiu atender a quase 3 centenas de municipalidades brasileiras.

Este é realmente mais um grande serviço que o país fica a dever a esse ilustre homem público.

A obra de S. Ex.<sup>a</sup> através desses inúmeros brasís, é conhecida e exaltada por todos.

Cientistas de escol o seu nome está indelevelmente gravado na história da luta contra a malária o maior flagelo da humanidade — através do método Pinotti de profilaxia, que hoje beneficia outros povos de outros continentes.

Em nome do povo da minha terra, venho a S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro Mário Pinotti, trazer o proleto de minha admiração e estima, e proclamar a honra que para nós representa tê-lo em nosso seio como "paraense honorário". — (Muito bem)!

Era o que tinha a dizer. (Muito bem)

**O SR. PRESIDENTE:**

Continua a hora do expediente. Tem a palavra o nobre Senador Novais Filho, por cessão do nobre Senador Mendonça Clark, segundo orador inscrito.

**O SR. NOVAES FILHO:**

(Sem revisão do orador) — Senhor Presidente, estamos em plena fase da campanha sucessória e, na apreciação de alguns comentaristas políticos, o seu processamento desenvolve-se em meio a certa indiferença.

Em verdade, desta feita não estamos observando nem o entusiasmo, nem a trepidação e nem o interesse tão próprios às campanhas eleitorais no Brasil. Entendo, Sr. Presidente, que o que se passa decorre de se terem processado as composições políticas um tanto fora das preferências, dos desejos e das aspirações dos próprios Partidos.

Fu mesmo, Sr. Presidente, servir de exemplo. Estou com o candidato

do meu Partido, com o candidato Jânio Quadros que, incontestavelmente, governando o Estado de São Paulo, ofereceu magnífica demonstração da sua capacidade de administrador. Sabem, no entanto, todos os meus Pares, que as minhas preferências, minha fé o meu entusiasmo convergiam para um candidato que não pôde ser coordenado, candidato não somente da minha predileção, mas das aspirações do Nordeste do Brasil, o eminente líder Sr. Juracy Magalhães.

O Sr. Lobão da Silveira — Muito bem!

O SR. NOVAES FILHO — Entretanto, Sr. Presidente, nego àqueles observadores que divisam sombras no firmamento da sucessão presidencial, que se encontrem em contato com a realidade. Não há, nesta hora, sombras no firmamento da sucessão presidencial. Existe tempo frio. Tempo frio, sim, porque não há, nas hostes partidárias, aquele calor, aquele entusiasmo, aquelas marchas trepidantes que o Brasil se acostumou a acompanhar em fases como a que vivemos.

Vou além, Sr. Presidente, não acredito haja no Brasil clima para qualquer desordem; não acredito que haja no nosso país ambiente propício a qualquer perturbação relativamente à marcha do pleito que se está preparando na República.

O eminente chefe militar, Marechal Odílio Denys, vem oferecendo cabalmente à Nação as melhores provas da sua vigilância e de que só tem nesta hora uma preocupação a preocupação da ordem e das garantias constitucionais.

Bem poucas vezes no Brasil, Senhor Presidente, ao se desenvolver uma campanha presidencial, nós temos presenciado as Forças Armadas tão preocupadas com seus afazeres profissionais, longe das intrigas políticas, apenas naturalmente se preparando para o simples cumprimento do dever eleitoral.

Na Marinha e na Aeronáutica — não existe nenhuma motivo para inquietações, para que os espíritos se agitem, nessa sucessão presidencial em relação a nenhum dos candidatos que aí se encontram.

Por isso, Sr. Presidente, entendo que as eleições vão decorrer dentro da ordem e da disciplina; e que o Brasil escolherá em 3 de outubro o candidato que quiser eleger para a suprema magistratura da Nação, servadores políticos que divisam o bem.

Há também, Sr. Presidente, os obstáculos de continuísmo: é possível que existam adeptos dessa ideia mas em verdade se me afigura, igualmente, uma hipótese absurda.

Ainda hoje pela manhã, ouvindo o grande jornal da Rádio Tupi, escutei a entrevista concedida ontem pelo Senhor Presidente Juscelino Kubitschek onde S. Ex.<sup>a</sup> fez afirmações, as mais categóricas, contrárias aos boatos a que estou aqui aludindo.

O Sr. Lobão da Silveira — V. Ex.<sup>a</sup> permite um aparte?

O SR. NOVAES FILHO — Com satisfação.

O Sr. Lobão da Silveira — Ainda não é a primeira vez que o Presidente da República faz essa afirmativa de que não permanecerá um minuto sequer além 31 de janeiro, quando entregará a faixa presidencial àquele que for legitimamente eleito. Posso dizer mais a V. Ex.<sup>a</sup>. No ano passado, houve um grande movimento no sentido de reformar a Constituição, com o objetivo de permitir a reeleição. S. o maior reação encontrada foi da parte de S. Ex.<sup>a</sup>, porquanto não desejava continuar Presidente da República no período imediatamente seguinte ao seu Governo.

O SR. NOVAES FILHO — Muito obrigado a contribuição do eminente representante paraense.

Sr. Presidente, na entrevista a que estou me referindo, o Sr. Presidente,